

01 Leia o texto a seguir para responder à questão:

O Arnesto nos convidou pra um samba, ele mora no Brás
Nós fumos não encontremos ninguém
Nós voltermos com uma baita de uma reiva
Da outra vez nós num vai mais
Nós não semos tatu!

No outro dia encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpas mais nós não aceitemos
Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
Mas você devia ter ponhado um recado na porta

Um recado assim ói: "Ói, turma, num deu pra esperá
Aduvido que isso, num faz mar, num tem importância,
Assinado em cruz porque não sei escrever"

Arnesto.

Samba do Arnesto, Adoniran Barbosa e Alocin.

A música composta por Adoniran Barbosa e Alocin é um claro exemplo do emprego da norma popular, uma das variedades linguísticas do português brasileiro. Sobre a norma popular ou coloquial, é correto afirmar, **exceto**:

- a) Tipo de variação linguística encontrada entre os falantes com menor poder aquisitivo e com menor exposição ao conhecimento escolar. Denota uma ineficiência linguística por parte do falante, configurando-se como um erro a ser evitado na comunicação.
- b) A norma popular é uma variação linguística muito utilizada em situações informais de comunicação. Nela observa-se a presença de regionalismos, marcas de oralidade, gírias e jargões próprios de uma determinada comunidade linguística.
- c) As normas padrão e popular são variações linguísticas importantes, cada uma cumpre um papel específico na comunicação de acordo com o contexto. É preciso que o falante adeque-se de acordo com os níveis de formalidade exigidos no momento da fala e da escrita.
- d) Embora seja importante, a norma popular tem validade como forma de comunicação, devendo ser evitada em situações que exijam maior formalidade linguística.

02 (Variedades linguísticas, Enem 2012)

Cabeludinho

Quando a Vó me recebeu nas férias, ela me apresentou aos amigos: Este é meu neto. Ele foi estudar no Rio e voltou de ateu. Ela disse que eu voltei de ateu. Aquela preposição deslocada me fantasiava de ateu. Como quem dissesse no Carnaval: aquele menino está fantasiado de palhaço. Minha avó entendia de regências verbais. Ela falava de sério. Mas todo-mundo riu. Porque aquela preposição deslocada podia fazer de uma informação um chiste. E fez. E mais: eu acho que buscar a beleza nas palavras é uma solenidade de amor. E pode ser instrumento de rir. De outra feita, no

meio da pelada um menino gritou: Disilimina esse, Cabeludinho. Eu não disiliminei ninguém. Mas aquele verbo novo trouxe um perfume de poesia à nossa quadra. Aprendi nessas férias a brincar de palavras mais do que trabalhar com elas. Comecei a não gostar de palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar. Aprendi a gostar mais das palavras pelo que elas entoam do que pelo que elas informam. Por depois ouvi um vaqueiro a cantar com saudade: Ai morena, não me escreve / que eu não sei a ler. Aquele a preposto ao verbo ler, ao meu ouvir, ampliava a solidão do vaqueiro.

BARROS, M. Memórias inventadas: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.

No texto, o autor desenvolve uma reflexão sobre diferentes possibilidades de uso da língua e sobre os sentidos que esses usos podem produzir, a exemplo das expressões “voltou de ateu”, “disilimina esse” e “eu não sei a ler”. Com essa reflexão, o autor destaca

- a) os desvios linguísticos cometidos pelos personagens do texto.
- b) a importância de certos fenômenos gramaticais para o conhecimento da língua portuguesa.
- c) a distinção clara entre a norma culta e as outras variedades linguísticas.
- d) o relato fiel de episódios vividos por Cabeludinho durante as suas férias.
- e) a valorização da dimensão lúdica e poética presente nos usos coloquiais da linguagem.

Observação: Responder e justificar a resposta